Evolução ao nível de espécie: Répteis da América do Sul *(Opera Omnia).* Uma saga editorial da obra do zoólogo Paulo Emílio Vanzolini

Evolution at the level of species: Reptiles of South America (Opera Omnia). An Editorial Saga of Zoologist Paulo Emilio Vanzolini's Opus.

Andrea Bartorelli[1]

Fotografia 1
Vanzolini.
Fotos: Marcelo Lerner, 2007.

1
Geólogo, graduado na USP em 1965, foi assistente do Departamento de Geologia e Paleontologia da antiga FFCL/USP, com mestrado sobre Reconhecimento geológico da parte setentrional da Cordillera Huallanca, Peru e Doutorado, em 1997 na UNESP, sobre as principais cachoeiras da bacia do Paraná e sua relação com alinhamentos tectônicos. Participou de diversas exposições de minerais (MASP, Associação Brasileira de Gemologia e Mineralogia, Galeria da Aliança Francesa,

Introdução

A Editora Beca enveredou por publicações enfocando a importância de grandes pesquisadores brasileiros na área de ciências da terra de modo casual, iniciando com o geocientista Fernando Flavio Marques de Almeida.

O geólogo e jornalista inglês Simon Winchester, entre diversos outros livros de divulgação científica, publicou *The Map that changed the World: William Smith and the birth of Modern Geology*, registrando as descobertas deste pioneiro da geologia moderna. A história desse inglês, cujo envolvimento na construção de canais no fim do século XVI fez com que observasse a superposição das camadas geológicas e reconhecesse os diferentes estratos pelo

Museu de Geociências da USP). Participou da organização e é autor de alguns capítulos dos livros:
"A História da Mineração do Brasil", Atlas Copco, 1989; "Geologia do Continente Sul-Americano: Evolução da Obra de Fernando Flávio Marques de Almeida", Beca, 2004; "Minerais e Pedras Preciosas do Brasil", Solaris, 2010; "A Obra de Aziz Nacib Ab'Sáber", Beca, 2010; "Evolução ao Nível de Espécie; Répteis da América do Sul", sobre a obra de Paulo E. Vanzolini, Beca, 2010; "Geologia do Brasil", Beca, 2012; "UHE Estreito", Beca, 2013.
É geólogo consultor, atuando sobretudo na área de Geologia de Engenharia e Ambiental.

seu conteúdo fossilífero, permitiu que o geólogo Virginio Mantesso Neto, ao ler esse empolgante livro em 2002, vislumbrasse a existência de uma personalidade brasileira contemporânea de enorme significado no conhecimento geológico do Brasil – o Professor Fernando de Almeida.

A ideia foi levada ao Dr. Celso Dal Ré Carneiro, professor da Unicamp e grande colaborador de Fernando de Almeida durante muitos anos. É reproduzida a seguir uma parte da apresentação do livro "Geologia do Continente Sul-Americano: Evolução da Obra de Fernando Flávio Marques de Almeida", publicado em 2004, em que é relatado o encontro com o Professor Fernando e sua reação ao convite, do qual fizeram parte Virginio Mantesso-Neto, Celso Dal Ré Carneiro, Murilo de Andrade Lima Lisboa (Editora Beca), Benjamim Bley Brito-Neves (USP – Universidade de São Paulo) e eu.

O engenheiro civil da Poli (Escola Politécnica da USP, turma de 1939), praticamente um autodidata em ciências geológicas, tornou-se, por paixão desmedida e amor devotado, o paradigma de pelo menos três gerações de geólogos. Construiu um *curriculum vitae* na seara das ciências da terra que jamais será igualado, e que é irrestritamente utilizado, respeitado e decantado...

Após ler a biografia de Orville Derby (primeiro grande geólogo do Brasil), e em plena leitura da biografia de William "Strata" Smith (pai da geologia da Inglaterra), um dos organizadores (Virginio Mantesso-Neto) notou que estes possuíam certas características em comum: enorme dedicação à geologia, habilidade de ver o que muitas outras pessoas viam e enxergar nelas o que os outros não enxergavam, e grande capacidade de integração de informações. Lembrou então que há entre nós um geólogo que encarna todas essas características e é um exemplo marcante. A ideia do livro surgiu de imediato, e logo o convite foi prontamente aceito pelos demais organizadores. Difícil foi convencer o homenageado que, ao nos receber, relutou em consentir, com expressões de indizível humildade:

- Professor, estamos aqui porque queremos fazer um livro em sua homenagem.
- Mas o que é isso, eu não mereço... Esperem mais um pouco e depois vocês fazem a homenagem. Eu não sou nem geólogo... [risos dos visitantes]

Para nosso gáudio, resistências vencidas, conseguimos convencê-lo a participar efetivamente da orientação geral do livro e da autoria de dois capítulos.

A Petrobras, comungando com a motivação dos editores e na legitimidade da homenagem, assumiu o patrocínio e foi pródiga no apoio intelectual de várias formas, colaborando com a divulgação de dados e com a contribuição de geólogos de renome, autores de diversos capítulos.

Quanto à obra do geógrafo Aziz Nacib Ab'Sáber, editada em 2010 e organizada pela geógrafa do Instituto Geológico May Cristine Modenesi Gauttieri, Virginio Mantesso Neto, Celso Dal Ré Carneiro, Matias B. de Andrade Lima Lisboa e eu, a ideia teve boa receptividade pelo professor Aziz, que muito colaborou na compilação dos seus numerosos trabalhos, tendo a Petrobras, novamente, assumido o patrocínio.

Originalmente, a intenção era a edição de um livro sobre a "Teoria dos Refúgios", reunindo num só volume as obras de Aziz e Vanzolini, tendo em vista a grande cooperação entre ambos e o caráter interdisciplinar das áreas de geomorfologia, geologia, climatologia e biologia. Vanzolini logo chamou a atenção para o fato de seus trabalhos não serem adequados para tal tipo de publicação, por ser ele, sobretudo, um sistemata, ficando assim "de fora" do projeto de um livro conjunto Aziz-Vanzolini.

Os bastidores do livro em homenagem a Vanzolini

Dando continuidade à linha editorial da Beca, focando a integralidade da obra acadêmica de grandes cientistas contemporâneos das Ciências da Terra, como o "engenheiro-geólogo" Fernando

Flávio Marques de Almeida e o geógrafo Aziz Nacib Ab'Sáber, foi convidado o renomado zoólogo Paulo Emílio Vanzolini para a organização de livro sobre sua *Opera Omnia*, reunindo toda a produção acadêmica em uma publicação, acompanhada de CD-ROM, tendo em vista o grande volume de trabalhos e artigos por ele produzidos.

Além dos recursos humanos e grande esforço editorial exigidos para publicações dessa natureza, na organização de livros com esse enfoque é particularmente exaustiva a busca de patrocinadores para a materialização dos projetos. No caso particular das geociências, essa difícil tarefa foi em grande parte facilitada pela Petrobras, cuja postura de compartilhamento do conhecimento obtido por meio de vultosos investimentos estatais para pesquisa de hidrocarbonetos é embasada na filosofia de prestação de contas à sociedade por meio do financiamento a publicações técnico-científicas, entre diversos outros tipos de patrocínio.

A edição do livro sobre a obra de Vanzolini: uma sucessão de incríveis coincidências

Diferentemente dos livros dos professores Fernando de Almeida e Aziz Ab'Sáber, com os quais os organizadores tinham maior afinidade por terem sido seus discípulos e colaboradores, com o Dr. Vanzolini a aproximação não era tão simples. Sendo um dos organizadores do livro de Vanzolini, envolvido em estudos de impactos ambientais associados a grandes empreendimentos hidrelétricos, em função da interdisciplinaridade desse tipo de estudo, tive a oportunidade de conviver com biólogos e profissionais que eram discípulos e orientados de Vanzolini. Esses profissionais da área de biociências, contudo, não tinham muita intimidade com ele e, tendo em vista sua fama de "mal humorado", mostraram-se relutantes e temiam a reação de Vanzolini diante da proposta editorial.

O tempo foi passando e, enquanto o livro em homenagem à obra do professor Fernando de

Almeida já tinha sido editado, em 2004, e o do professor Aziz Ab'Sáber já contava com os capítulos dos colaboradores prontos e com a diagramação adiantada, ainda não havia chegado ao conhecimento de Vanzolini a ideia sobre o livro em sua homenagem.

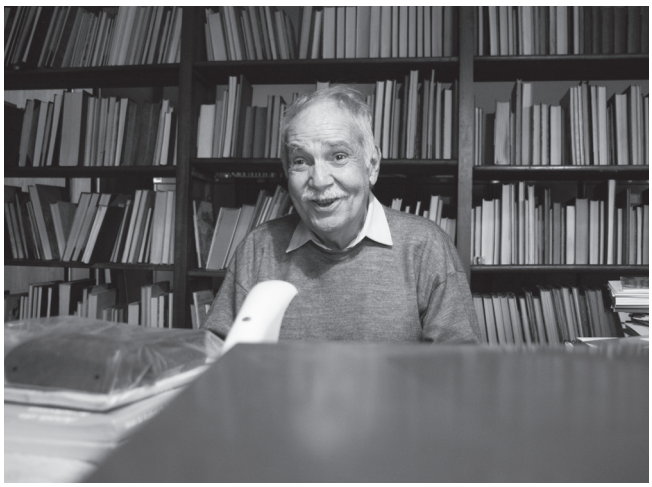
Primeira coincidência

No ano de 2006, durante chopinhos ocasionais de confraternização organizados pelo engenheiro Paulo Teixeira Cruz, professor livre-docente da Escola Politécnica da USP, fui apresentado a um novo frequentador do grupo que, ao tomar conhecimento da minha atuação em geologia, se interessou por serviços de consultoria na área e me pediu um cartão de visitas. Passados alguns meses, me procurou para um trabalho em obra nas redondezas de São Paulo. Em conversa informal, no caminho para o local da obra, indagou sobre minha experiência profissional e a quê eu me dedicava no tempo livre. Contei-lhe sobre meu envolvimento na edição de livros junto à Beca e outras editoras, tendo já participado da publicação do livro sobre a "Geologia do Continente Sul Americano: Evolução da Obra de Fernando Flávio Marques de Almeida" e do livro sobre a "Obra de Aziz Nacib Ab'Sáber", em fase de edição. Continuei a conversa ressaltando a importância da obra de Aziz na Teoria dos Refúgios de Vanzolini e que estávamos tentando um encontro com este último para discutir o projeto de um livro sobre a sua obra como zoólogo.

"Ele é meu sogro" – disse com emoção o engenheiro Atílio Moretti, marido de Maria Emília, uma das filhas de Vanzolini. Pedi então a Atílio que entregasse para Vanzolini um exemplar do livro sobre a obra do professor Fernando de Almeida. Não se passaram dois dias quando recebi a informação que Vanzolini nos convidara para um encontro em sua casa, pois queria conhecer o que tínhamos em mente. Morava num pequeno sobrado em vila construída por seu pai, o engenheiro Carlos Alberto Vanzolini, no bairro do Cambuci, onde enfeitavam

os móveis da sala réplicas perfeitas de serpentes, que eram vendidas no Butantan (naturalmente as peças dele foram presenteadas por colegas do instituto), e notável escultura em madeira de grande cobra Naja, que atraiu muito a minha atenção ao adentrar sua casa. Uma coleção de chapéus, característicos da vida boêmia do reconhecido zoólogo e famoso músico, enfeitavam um cabideiro junto à porta de entrada.

Após o primeiro contato, passamos a nos reunir em uma grande sala repleta de livros e documentos, que era seu gabinete de trabalho no Museu de Zoologia da USP. Vanzolini iniciou a conversa sugerindo uma abordagem diferente daquela de Fernando de Almeida, a quem muito admirava e dizia não ser possível uma comparação entre o trabalho de ambos. Ponderou que sua obra não tinha a dimensão e o alcance daquela do grande geólogo,



Fotografia 2
Vanzolini em sua sala no Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo
Foto: Andrea Bartorelli, 2007.

que abriu caminho para o conhecimento do substrato do território brasileiro e contribuiu sobremaneira para o avanço da pesquisa mineral e petrolífera no país. Almeida havia deixado uma escola e o livro em sua homenagem contou com a contribuição de importantes geólogos de universidades, da Petrobras, da CPRM[2] e outras instituições, que

2
Companhia de Pesquisas de Recursos Minerais, atual Serviço Geológico do Brasil.

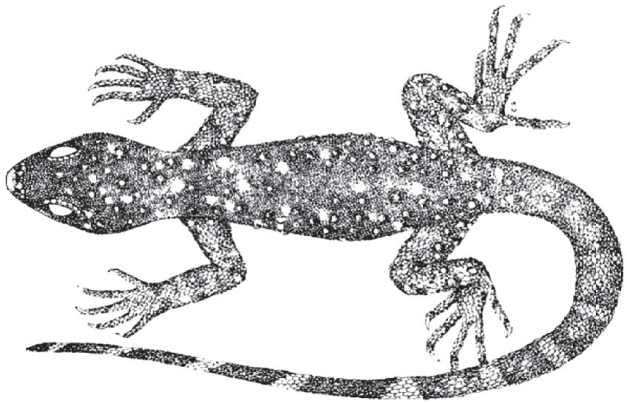
registraram a evolução do conhecimento geológico a partir das revelações pioneiras do grande mestre.

Vanzolini optou por reunir, tendo em vista o caráter essencialmente sistemático de suas pesquisas (Figura 1), 47 trabalhos que indicou como a coluna vertebral de sua obra e que representavam a linha condutora para a Teoria dos Refúgios. A equipe de

Fotografia 3
Vanzolini no Museu de Zoologia na Avenida Nazaré.
Foto: Marcelo Lerner, 2007.

Figura 1
Amphisbaena fuliginosa
(foto da espécie).
Foto: Marcelo Lerner, 2007.

Figura 2
Gymnodactylus guttulatus
(esquema do livro, *Evolução ao nível de espécie: répteis da América do Sul*. P.E: Vanzolini. página 383, São Paulo. Br. Beca/ FAPESP, 2010)



organizadores, composta pelo editor da Beca, Murilo de Andrade Lima Lisboa, o geólogo e historiador Virginio Mantesso-Neto, Dione Seripierri, profunda conhecedora da biblioteca do Museu de Zoologia e eu, com a importante colaboração da geógrafa do Instituto Geológico de São Paulo, May Modenesi Gauttieri, iniciou um profícuo trabalho de compilação de artigos, escaneamento e fotografias de répteis da coleção do museu, além de reiteradas reuniões com o homenageado para adequação da edição.

Segunda coincidência

Uma vez delineado o projeto e iniciados os trabalhos de compilação, digitalização, cotejamento e diagramação do livro, com a ativa participação e sugestões de Vanzolini, avolumava-se a preocupação com o grande desafio que despontava adiante, referente à obtenção de patrocínio para a publicação. É nessa fase que ocorre outra incrível coincidência.

No início de 2007, como integrante da equipe de estudos de inventário hidrelétrico da bacia do Rio Branco, em Roraima, para a Empresa de Pesquisas Energéticas do Ministério das Minas e Energia, participei de sobrevoos de reconhecimento desde Caracaraí até a região fronteiriça com a Venezuela e a Guiana Inglesa. Num pouso para almoço e reabastecimento em Uiramutã, na região do Monte Roraima. Fomos convidados para apreciar um trecho encachoeirado em bucólica paisagem das cabeceiras do rio Cotingo, próximo ao pequeno povoado.

O local é conhecido como Balneário Paiuá, porém, no lugar de banhistas, nos deparamos com uma caminhonete da CPRM estacionada junto a afloramentos de rochas sedimentares muito antigas[3], do Supergrupo Roraima. Na parede do afloramento haviam pequenos furos de sonda portátil, ainda "fresquinhos", indicando terem sido recém-perfurados. O motorista da caminhonete informou que estavam em andamento pesquisas da CPRM, em convênio com universidades da Amazônia. Indaguei se participava mais alguma instituição e soube que existiam representantes também da USP. Perguntei

3
Trata-se de arenitos do Supergrupo Roraima, mesoproterozoicos (idades entre 1.600 e 1.790 milhões de anos), depositados em ambiente continental conectado a oceanos abertos, provenientes da erosão de regiões com relevo de baixa altitude, bem próximo ao nível do mar. Apesar de sua antiguidade, os arenitos foram poupados de deformações tectônicas orogênicas, preservando intactas as estruturas sedimentares como estratificações planares tabulares e cruzadas, textura dos grãos e outras feições deposicionais. A sedimentação do Supergrupo Roraima teria sido iniciada com a instalação de leques aluviais pouco espessos, no meio de vastas planícies aluviais com zonas lacustres onde desembocavam as drenagens. A aridez climática teria dado origem a grandes campos de dunas desérticas, que foram invadidas por canais fluviais oriundos de enxurradas temporárias (wadis).

ainda se, por acaso, sabia o nome de alguém da USP e fiquei surpreso e feliz em ouvir o nome do meu amigo Umberto Cordani, do Instituto de Geociências.

Fotografia 4
Perfurações para pesquisa geológica em afloramento do Balneário Paiuá, em Uiramutã, Roraima.
Foto: Andrea Bartorelli, 2007.

"Onde está ele?" – perguntei ansiosamente. Estava no campo, a mais de uma hora de caminhada de onde nos encontrávamos. Em função da premência de nossa viagem de retorno a Rio Branco, me contentei em deixar um recado no verso do meu cartão de visitas: "Caro Cordani, o que anda fazendo nesse fim de mundo? Quando vamos comer uma boa macarronada? Um abraço, Andrea". Fiquei imaginando, chateado em não poder presenciar na hora, a surpresa dele ao tomar conhecimento de minha andança improvável nas mesmas paragens onde ele se encontrava naquela ocasião.

Após uma semana, de volta a São Paulo, entre os e-mails pendentes, lá estava o do Cordani, se questionando que diabos fazia eu naqueles ermos. Estava de passagem em São Paulo o físico Ennio Candotti, ex-presidente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), e Cordani o convidara para uma massa em casa. Sabedor de minha amizade com Ennio desde os tempos do colegial, fez gentil convite para juntar-me a eles numa agradável espaguetada oferecida pela sua esposa Lisbeth, do Instituto de Matemática e Estatística da USP.

O Ennio já conhecia a linha editorial da Beca, pois o havíamos brindado com um exemplar do livro sobre a obra de Fernando de Almeida. Comentei com

ele sobre a dificuldade que estávamos enfrentando para obtenção de patrocínio do livro de Vanzolini e, com ensaiada dramaticidade, representei o Vanzolini quando, dias antes, olhando fixo em meus olhos, perguntou baixinho: "Será que ainda vou chegar a ver esse livro?" Parece que minha representação sensibilizou bastante o Ennio. Ele arregalou os olhos e disse: "Vou ligar para o professor Brito Cruz, Diretor Científico da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), e avisar que vocês vão procurá-lo. Se puder, irei com vocês".

O professor Carlos Henrique de Brito Cruz nos recebeu cortesmente, Murilo e eu, e mantivemos uma longa conversa. Entregamos um livro sobre a "Geologia do Continente Sul-Americano" em homenagem ao Fernando de Almeida e Brito Cruz mostrou-se disposto em empenhar-se a encontrar um meio para que a FAPESP pudesse ajudar no patrocínio, pois não se tratava de projeto de pesquisa e sim de uma edição de livro sobre a obra de um grande cientista.

O tempo foi passando, cada qual engajado em suas atividades e compromissos, até que um dia liga Ester Satiko Takata, secretária da presidência da FAPESP. Como que se escusando pelo tempo que passou, pediu para reapresentar o projeto, pois o Dr. Celso Lafer tinha tomado conhecimento dele e se empenhava em viabilizá-lo, uma vez que era uma excelente oportunidade para o reconhecimento da colaboração de Vanzolini na criação da FAPESP, além do fato de ser um reconhecido pesquisador. Foi grande o empenho da presidência no sentido de viabilizar o patrocínio da publicação reunindo a *Opera Omnia* do grande pesquisador do Museu de Zoologia da USP. Graças aos esforços de todos e a essa dedicação especial da FAPESP, o livro pôde ser editado.

Terceira coincidência

Com o livro já editado e publicado, prefaciado pelo Dr. Celso Lafer, ainda continuaram a se suceder algumas coincidências. A mais divertida é a terceira coincidência, relatada a seguir.

Recebi telefonema, no fim do ano de 2010, de um comerciante de minerais para a coleção de Governador Valadares perguntando se podia aproveitar a ida de um colecionador a São Paulo, para trazer uma pesada drusa de cristais de quartzo *fumée* que eu havia adquirido alguns meses antes. O colecionador era o biólogo Paulo Auricchio, formado na USP, e que se dedicava à paleontologia da mastofauna pleistocênica no Piauí e ao ensino naquele estado. Paulo e sua mulher, Cláudia Renata Madella, também bióloga, me ajudaram a colocar a pesada amostra sob uma mesa na sala de casa e iniciamos um agradável papo sobre minerais, pesquisas paleontológicas e biologia. Em dado momento, Paulo, meio sem graça em fazer uma pergunta de matuto que não conhece a cidade grande, dispara:

"Está certo que o meio acadêmico em São Paulo é múltiplo e diversificado, mas, já que você tem algum contato com a Universidade, não custa lhe fazer uma pergunta cuja resposta é pouco provável que você tenha condições de dar: tive notícias da edição de um livro reunindo a obra científica do Paulo Vanzolini – você por acaso tem ideia onde posso conseguir um exemplar?" Qual não foi sua surpresa ao me ver voltar do quarto com dois exemplares na mão e lhe dizer: "Ei-los aqui, são seus!"

Poderia ser considerada como uma quarta coincidência a oportunidade de relatar na Revista do Laboratório de História da Ciência do Instituto Butantan, a convite da bióloga Myriam Elizabeth Velloso Calleffo, essa série de episódios que tanto gosto de contar e que as pessoas já devem ter se cansado um pouco de tanto ouvir, mas cuja leitura, espero, seja um pouco mais atraente.

Ainda outra pequena coincidência: em reunião de março de 2014, no Instituto de Geociências da USP, sobre o Museu da Natureza da Fundação do Museu do Homem Americano (FUMDHAM) na Serra da Capivara-Piauí conheci o Marcello Dantas, diretor da Magnetoscópio & Mag+, envolvido no projeto. Ao me passar seu cartão, vi que mora na rua Atlântica e comentei que o Vanzolini morou lá na juventude. Pois não é que o Marcello mora na casa que foi da família do Vanzolini?